

CONHECIMENTO A SERVIÇO DA COMUNIDADE · EDIÇÃO Nº 03 · ISSN: 2595-0916 · 15/04/2018

PESQUISADORA CRIA HIDROGEL PARA TRATAMENTO DE FERIDAS VAGINAIS



PESQUISA CONCLUI QUE AVALIAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR É FALHA VIGILÂNCIA E REGRAS ESCOLARES SERVEM PARA FORMAR ESTUDANTES E PROFESSORES SUBMISSOS A NOVA IMAGEM DO IDOSO E OS SIGNIFICADOS CONSTRUÍDOS PELA PUBLICIDADE

• PÁG 08 •

EDITORIAL

Chegamos à terceira edição do Uniso Ciência registrando um crescimento da interação do público com o projeto. Para a escolha dos temas, realizamos mais uma enquete online, a exemplo da edição anterior, em que foram disponibilizados para votação 12 assuntos relacionados a pesquisas desenvolvidas em nossos quatro programas de pós-graduação. Ao fim de 15 dias de enquete, que ficou aberta à votação no blog do Uniso Ciência, no site do iornal Cruzeiro do Sul. recebemos 895 respostas. Podemos, sem dúvida, considerar significativa essa participação do público, que foi quase quatro vezes maior com relação à votação anterior.

Isso é sinal de que o Uniso Ciência está amadurecendo como projeto de divulgação científica e cumprindo a proposta de ampliar o acesso ao conhecimento gerado pelas pesquisas da Universidade. A expressiva participação do público nos mostra que estamos no caminho certo.

Convidamos nossos leitores a conhecer os quatro temas mais votados: Desenvolvimento e avaliação de hidrogéis termorresponsivos para administração vaginal e veiculação de curcumina; Tese debate processos que avaliam qualidade da educação superior no Brasil; Educação nas escolas tem servido há anos para formar alunos "dóceis", e Publicidade muda significação da velhice ao longo do tempo.

Boa leitura!

Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta Reitor

Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol Pró-Reitor de Graduação e Assuntos Estudantis

Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação

EXPEDIENTE

Uniso Ciência é uma publicação da Universidade de Sorocaba.

Reitoria: Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta (Reitor), Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol (Pró-Reitor de Graduação e Assuntos Estudantis) e Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior (Pró-Reitor

de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação). Coordenação: Assessoria de Comunicação Social (Assecoms) / Jornalista responsável: Mônica Cristina Ribeiro Gomes (MTB 27.877).

Equipe: Prof. Me. Guilherme Profeta e Prof. Me. Marcel Stefano Tavares Margues da Silva (Reportagens), Artmaker (Arte), Daniele da Silva Coimbra (Diagramação), Paula Rafael Gonzalez Valelongo (Revisão).

Conselho Editorial: Prof. Me. Adilson Aparecido Spim, Profa. Dra. Denise Lemos Gomes, Prof. Me. Edgar Robles Tardelli, Profa. Ma. Mônica Cristina Ribeiro Gomes e Prof. Dr. Nobel Penteado de Freitas.

Informações: ciencia@uniso.br (15) 2101.7006/7081 | uniso.br

PESQUISA CONCLUI QUE AVALIAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR É FALHA



"Não se pode atestar a qualidade de um curso sem a análise criteriosa de sua proposta pedagógica", diz Roberta Cardoso

REPORTAGEM: Marcel Stefano FOTO: Divulgação

pesar de o Ministério da Educação (MEC) tentar avaliar o Ensino Superior no Brasil, por meio do Sistema Nacional de Avaliacão da Educação Superior (Sinaes), isso, de fato, não acontece. É o que garante a pesquisadora Roberta Muriel Cardoso em sua tese "Avaliação e Acreditação no Desenvolvimento da Educação Superior no Brasil", no Programa de Pós-Graduação e Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso). Criado pela Lei 10.861, de 14 de abril de 2004, o Sinaes é formado por três componentes principais:

a avaliação das instituições, dos cursos e do desempenho dos estudantes.

Na pesquisa, que teve como objetivo central responder em que medida os processos de avaliação e acreditação, da forma como estão sendo executados pelo MEC, podem atestar a qualidade da educação superior no Brasil, a pesquisadora afirma que os parâmetros utilizados no Sinaes contribuem para que a Educação Superior melhore, mas, efetivamente, não consegue avaliar o Ensino Superior tal qual foi criado. O desafio proposto pela tese discute os processos de garantia de qualidade que ocorrem no Brasil e verificam em que medida eles têm contribuído para o desenvolvimento da Educação Superior.

No desenvolvimento dos conceitos apresentados, debate se o que ocorre de fato no Brasil é um processo de avaliação conforme proposto pelo Sinaes ou apenas um processo burocrático de fiscalização e controle. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, Cardoso, que é graduada em Letras, analisou o panorama da Educação Superior em países da América Latina, bem como nos Estados Unidos, "para compreender os cenários em que estes processos estão se desenvolvendo e as características de cada um destes cenários." A tese apresenta números das instituições.

No caso do Brasil, faz um apanhado histórico, mostra os dados de faculdades, universidades e centros universitários desde 1945. Cardoso constata que, apesar de a maioria ser de instituições privadas e não universitárias, são as universidades que ainda têm o maior número de vagas ofertadas e concentram 54,2% da graduação. Mostra ainda que, apesar dos programas do governo brasileiro que ampliaram o acesso de jovens ao Ensino Superior, "não seria correto afirmar que houve democratização do acesso a este nível de ensino no País, considerado muito pequeno (o Brasil tem aproximadamente 15% dos jovens na educação superior) em relação a outros países.

AVALIAÇÃO E ACREDITAÇÃO

Ao longo do trabalho, a pesquisadora apresenta teóricos da área da Educação que discutem e conceituam a Avaliação e Acreditação. "Tanto a avaliação quanto a acreditação são mecanismos reconhecidos como fundamentais para que a qualidade possa ser atestada. (Francisco Lopez) Segrera define qualidade, avaliação, garantia de qualidade e acreditação como conceitos inter-relacionados. De acordo com (José) Dias Sobrinho, avaliação e acreditação são palavras similares e diferentes ao mesmo tempo. Algumas vezes, se mesclam, e a avaliação acaba sendo a base para a acreditação. Mas em outros casos isto não acontece. A avaliação vai fornecer informações e comprovações para que a acreditação possa ocorrer. Ou seja, a acreditação, neste caso, se serve dos resultados da avaliação para atestar a qualidade de uma IES (Instituição de Educação Superior) ou de um curso."

CONCLUSÃO

A tese ainda mostra, cronologicamente, todas as mudanças realizadas desde a concepção até como funcionam atualmente os indicadores de qualidade que compõem o Sinaes: o Conceito Preliminar de Curso (CPC), Índice Geral de Cursos (IGC) e Exame Nacional de Desempenho do Estudante (Enade) e como essas alterações foram afetando o modelo inicial de avaliação do Sistema.

Categoricamente, a pesquisadora afirma que "pela prática atual, não se garante o respeito à identidade das instituições e não se considera a diversidade existente no País" e conclui que "sem considerar as avaliações in loco e com consequências maiores para as instituições e seus cursos, os Indicadores de Qualidade (CPC, IGC e ENADE) ditam as regras do jogo, definindo por estimativas estatísticas o destino das instituições e seus cursos. O ENADE, representando atualmente 55%, e as respostas ao questionário do estudante, que representam 15%, definem a participação do estudante no cálculo do CPC em 70%, deixando as instituições reféns de um único teste final, que, se sofrer um boicote, por exemplo, põe a perder todo um trabalho realizado ao longo do curso, restando à instituição apenas a possibilidade de recorrer à justiça, por não existir um caminho aberto ao diálogo.

A pesquisadora finaliza dizendo que "o que ocorre no Brasil atualmente não pode ser chamado de avaliação, mas de um processo burocrático de fiscalização e controle." E, segundo ela, "não há perspectiva de alteração desta prática, que não pode atestar a qualidade das instituições e seus cursos, pois não conta com elementos de análise suficientes para tanto."

Depois de analisar toda a documentação do Sinaes e ver como todo o processo de avaliação e acreditação funcionam, a pesquisadora conclui que "não se pode atestar a qualidade de um Corpo Docente por uma análise da quantidade de mestres e doutores que o Censo demonstrou para determinado curso. Não se pode atestar a qualidade de uma biblioteca pela resposta dada pelo estudante a um questionário sobre a biblioteca. Não se pode atestar a qualidade de um curso sem a análise criteriosa de sua proposta pedagógica, dos planos de estudo, dos conteúdos curriculares, das metodologias utilizadas, da atuação dos docentes, do envolvimento dos estudantes, dos projetos de pesquisa, da extensão. Enfim, não se pode dizer que tem ou não tem qualidade algo que nem sequer foi visto."

Texto elaborado com base na tese "Avaliação e Acreditação no Desenvolvimento da Educação Superior no Brasil", do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso), elaborada sob orientação do professor doutor José Dias Sobrinho e aprovada em abril de 2015. Acesse a pesquisa:





PESQUISADORA CRIA HIDROGEL

PARA TRATAMENTO DE FERIDAS VAGINAIS EM PACIENTES COM CÂNCER

REPORTAGEM: Marcel Stefano FOTO: Paulo Ribeiro

omo ajudar mulheres pacientes de câncer que fazem quimioterapia ou radioterapia e que sofrem de problemas de feridas na cavidade vaginal a terem um tratamento mais específico e que elas mesmas possam tratar essas feridas de maneira mais fácil. Esse foi o propósito que levou a farmacêutica Thais Francine Ribeiro Alves a pesquisar e desenvolver um hidrogel termorresponsivo que se fixa melhor na parede vaginal e ajuda, por meio da aplicação de curcumina, no tratamento da ferida.

"A administração vaginal de fármacos tem como principais vantagens evitar o metabolismo hepático, reduzir a incidência e severidade dos efeitos gastrintestinais secundários e diminuir efeitos secundários hepáticos de fármacos", descreve ela.

O resultado obtido foi satisfatório, segundo análise da pesquisadora. Alves conseguiu desenvolver um hidrogel termorresponsivo que pode ser aplicado nas feridas da parede vaginal pelas próprias pacientes, com o auxílio de de um aplicador no formato de uma seringa.

O hidrogel, ainda bastante solúvel, é carregado de curcumina, que tem características antiinflamatória, antifúngica, antimicrobiana cicatrizante. Ao ser inserido na cavidade vaginal e atingir uma certa temperatura, esse hidrogel se torna um gel de boa viscosidade e com propriedades bioadesivas, ou seja, que gruda na parede vaginal e libera a curcumina aos poucos.

Ela fez essa pesquisa ao longo de seu mestrado, finalizado em 2016, dentro do Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas da Universidade de Sorocaba (Uniso). A pesquisa foi orientada pelo professor doutor Marco Vinícius Chaud e desenvolvida nas dependências do Laboratório de Biomateriais e Nanotecnologia da Uniso, que fica no Parque Tecnológico de Sorocaba (PTS).



Pesquisa foi desenvolvida nas dependências do Laboratório de Biomateriais e Nanotecnologia da Uniso

Alves conta que decidiu por este estudo pois pesquisou a mucosite oral na graduação, em pacientes com câncer na cabeça e pescoço, e, quando se propôs a fazer o mestrado, teve a ideia de pesquisar e ajudar o problema da mucosite vaginal em mulheres que fazem tratamento de quimioterapia e radioterapia da cavidade abdominal ou colo de útero.

Durante o mestrado, que durou dois anos, ela teve como primeiro desafio encontrar um tipo de polímero (há inúmeros, tanto naturais quanto sintéticos, cada qual com propriedades distintas) que apresentasse características ideais para o tratamento na cavidade vaginal. "A via vaginal é um desafio para a formulação de formas farmacêuticas para liberação modificada de fármacos. Entre os principais desafios está o tempo de permanência da forma farmacêutica no local de aplicação e a área de superfície no contato com a mucosa vaginal", relata Alves, no estudo. Além disso, era preciso achar um composto onde a curcumina se diluísse.

CURCUMINA

Ocorre que a curcumina, que é um composto fitoquímico de cor amarelo-alaranjado, obtido a partir do rizoma do açafrão (Curcuma longa) e que cresce naturalmente na Índia e em outras partes do sudeste da Ásia, é conhecida por ter uma baixa solubilidade em água. "A sua solubilidade é limitada em meios orgânicos comuns, como etanol e óleos vegetais, o que torna difícil a preparação de formulações líquidas convencionais."

A curcumina vem sendo amplamente estudada por suas características antifúngica, antimicrobiana, cicatrizante. "Diferentes estudos têm demonstrado sua baixa toxicidade intrínseca e ampla variedade de efeitos terapêuticos", cita Alves, na pesquisa.

Apesar dos diversos efeitos terapêuticos, a utilização clínica de curcumina é restringida por baixa biodisponibilidade oral, devido à baixa solubilidade em água, instabilidade em valores de pH neutro e alcalino, metabolismo extensivo e rápida eliminação.

ETAPAS

"Logo que eu entrei no mestrado, a gente conseguiu adquirir o material antes, via projeto. Então, acho que uns quatro ou cinco meses, eu trabalhei só com as dispersões sólidas da curcumina. Foi a primeira etapa do trabalho", conta Alves. A dispersão sólida são formulações farmacêuticas utilizadas com o objetivo de melhorar a solubilidade de compostos pouco solúveis em água. Nessa parte da pesquisa, Alves trabalhou com 18 amostras e obteve resultados favoráveis em três delas.

Depois dessa etapa, Alves começou a pesquisar e analisar o preparo dos hidrogéis termorresponsivos (que têm alguma alteração conforme variação da temperatura), sem a adição da curcumina. Nessa etapa, que durou cerca de sete meses, ela pesquisou e testou 8 amostras. Duas delas tiveram resultado satisfatório e foram, depois, testadas com a adição de curcumina na etapa seguinte.

Só depois de testados e caracterizados esses hidrogéis que melhor se encaixariam na amostra de curcumina é que Alves passou a testar 12 amostras de hidrogéis adicionados com a curcumina. Foram mais seis meses avaliando os hidrogéis com a curcumina.

HIDROGEL TERMORRESPONSIVO

Uma das grandes dificuldades de Alves, foi modular a temperatura de um hidrogel para que ele passasse do estado líquido (na temperatura ambiente) para o estado de gel, com viscosidade e aderência corretas para que aquele composto ficasse aderido à parede da vagina e liberasse gradativamente a curcumina no ferimento.

"Hidrogéis termicamente sensíveis termorresponsivos têm sido foco de estudos devido sua praticidade na aplicação e baixos efeitos indesejáveis. Em concentrações adequadas apresentam transição de fase líquida para gel (Tsolgel), próxima ou igual à temperatura corpórea. Essa transição Tsol-gel pode ser modulada de acordo com a concentração do polímero ou associação com outros polímeros e agentes reticulantes. Geralmente, as temperaturas de gelificação são consideradas adequadas na faixa de 25 - 37°C", explica Alves, em sua pesquisa.

"Esse hidrogel termorresponsivo tem característica líquida na temperatura ambiente, que é o que vai permitir a gente colocá-lo na seringa e fazer a administração vaginal. Quando ele atinge uma temperatura, ele se transforma em gel. E isso faz com que ele figue todo na parede da cavidade vaginal e figue aderido, sem escorrer. Então, eu trabalhei em todo o mestrado para conseguir modular essa temperatura. O que seria modular? É exatamente em que ponto ocorria essa transição Tsol-gel, que é a transição de solúvel para gelificado. então, é trabalhar nesse ponto."

Mas encontrar o ponto de transição não foi o único trabalho dela ao longo dos anos pesquisando esse tema. Dentre os inúmeros testes feitos a cada etapa da pesquisa, Alves também fez o teste de viscosidade do hidrogel termorresponsivo. Ela explica que "na aplicação de produtos tópicos na cavidade vaginal, a viscosidade e a mucoadesão contribuem para fixar a formulação sobre a mucosa epitelial. Esta propriedade também contribui para controlar a liberação de fármaco e melhorar a adesão ao tratamento com produtos nas formas farmacêuticas de gel, creme ou pomada."

Outro teste avaliado é a propriedade mecânica do hidrogel, para que o composto não escape e coloque a perder o tratamento. "As redes poliméricas dos hidrogéis devem possuir propriedades mecânicas capazes de resistir a estresses físicos e químicos e, ao mesmo tempo, proporcionar um contato íntimo e prolongado com a superfície da mucosa. O tempo de permanência do hidrogel no local de aplicação é influenciado pela renovação do fluído

vaginal (transudato e muco vaginal) e pela reticulação dos polímeros. O equilíbrio entre o efeito do fluido vaginal e a resistência mecânica dos polímeros pode ser medido pela dureza, coesividade, compressibilidade, adesividade e mucoadesão do hidrogel termorresponsivo", explica Alves, na dissertação.

RESULTADOS SATISFATÓRIOS

Alves ficou feliz com os resultados encontrados. Ela diz que, apesar de serem necessárias novas pesquisas para que efetivamente um produto seja feito a partir dos resultados obtidos em sua pesquisa e chegue às prateleiras das farmácias, seus estudos mostraram que é possível produzir um composto à base de hidrogel com curcumina para o tratamento vaginal.

"Com os resultados que a gente obteve no estudo, o sistema apresenta potencial para a veiculação da curcumina. O sistema em si apresenta potencial também para a veiculação vaginal, ou seja, o sistema é eficaz tanto para a veiculação e transporte dessa curcumina até o local de ação, quanto o mecanismo de ação que ele vai ter dentro da cavidade vaginal. Ele consegue formar esse filme na temperatura corpórea. Então, o grande desafio foi aumentar essa solubilidade da curcumina e conseguir sua veiculação no meu hidrogel e criar um hidrogel que fosse capaz de ter essa transição líquido-gelificada dentro da cavidade vaginal. Então, enquanto um estudo de desenvolvimento e avaliação do sistema, a gente teve resultados promissores para uma futura análise em animal e, quem sabe, em humanos".

Texto elaborado com base na dissertação "Desenvolvimento e avaliação de hidrogéis termorresponsivos para administração vaginal e veiculação de curcumina", do Programa de Pós--Graduação em Ciências Farmacêuticas da Universidade de Sorocaba (Uniso), elaborada sob orientação do professor doutor Marco Vinícius Chaud e aprovada em 2016. Acesse a pesquisa:



VIGILÂNCIA E REGRAS ESCOLARES SERVEM PARA FORMAR ESTUDANTES E PROFESSORES SUBMISSOS

REPORTAGEM E FOTO: Marcel Stefano

discurso da necessidade de segurança e da prática da formação de alunos, o sistema educacional nas escolas brasileiras tem servido há anos para controlar a população escolar e formar alunos "dóceis", ou seja, estudantes que se submetem às políticas de disciplinamento das unidades educacionais e da sociedade. Tais medidas se dão desde a forma como as escolas são construídas até pela instalação de câmeras em corredores e salas de aulas e catracas nas portas das escolas.

De certa forma, essas ferramentas de controle acabam atingindo os próprios professores dessas unidades, que se sentem pressionados e constantemente vigiados. Essa é a conclusão que a pedagoga Cláudia Martins Ribeiro Rennó chegou em sua pesquisa de mestrado "Produção de Corpos Dóceis: uma análise das práticas de disciplinamento e vigilância na escola", realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso).

A análise bibliográfica, aliada à pesquisa de campo desenvolvida na pesquisa, mostra que esse controle sobre o corpo estudantil não é algo recente. Pelo contrário, é histórico e sempre existiu no ambiente educacional. Para chegar a essa conclusão, Rennó analisou a prática cotidiana de duas escolas - uma pública e outra particular. Nesses dois ambientes, entrevistou funcionários e usuários: uma ex-professora, duas diretoras, dois inspetores de alunos, duas mães e dois alunos. Ela também participou de uma reunião de Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo, conhecido no meio escolar como HTPC, com um grupo de seis professores. Nessa ocasião, ela debateu as questões relacionadas à vigilância e ao disciplinamento.

Além da arquitetura dos prédios onde funcionam as escolas que, segundo a pesquisadora, propicia a vigilância e a ação disciplinadora por meio dos



Na escola, aprender, ensinar, andar e passear têm um tempo limitado, diz Cláudia Rennó

conceitos panóptico (visão de tudo) e sinóptico (olhar no instante), Rennó também cita como formas de controle a distribuição dos espaços em toda a escola, a interdição dos espaços e o controle do ir e vir. "Há escolas cujos locais internos são quase inacessíveis: não é permitido circular pelos corredores, entrar na sala dos professores e da diretoria, entrar na biblioteca sem identificação, permanecer em sala de aula no intervalo, passear pelos corredores sem necessidade. Há escolas

que por medida de segurança e preservação do espaço físico, conservam a chave do banheiro com o bedel ou inspetor de alunos." Na dissertação, ela fala também sobre a estrutura da sala de aula, o controle do tempo, as normas e valores relacionados à conduta e à atuação de inspetores e bedéis no ambiente escolar. "Percebe-se que o controle sobre o corpo é histórico, sempre existiu. Seja por motivos de ordem estética, científica, religiosa, econômica ou política. O que mudou foram os recursos de controle que se tornaram mais extensivos e diretos. Pela trajetória histórica, percebeu-se que os castigos foram abolidos enquanto forma e instrumento. Mas foram substituídos por outros mais sutis, de aparência muitas vezes inocente, quase diluídas no contexto, mas igualmente controladores do corpo em sua plenitude, como é o caso das câmeras que várias escolas disponibilizam hoje dentro das salas de aula, nos espacos de convivência, de pesquisa e de atividade burocrática."

Rennó mostra em sua pesquisa que algumas dessas práticas continuam vigentes em algumas escolas, como o ato de colocar os alunos em fila e o uso de "livro negro", como forma de disciplinar. "O processo de disciplinamento, operado amplamente pela escola, se dá através de mecanismos reguladores e múltiplos, os quais (o filósofo francês Michel) Foucault chamou de funções disciplinares: estratégias de utilização do tempo, do espaço, do saber e do corpo; e instrumentos disciplinares: a vigilância, a sancão normalizadora e o exame. Tais aspectos descritos têm como finalidade máxima fixar os sujeitos a um aparelho de normalização da sociedade", defende a pesquisadora, que também se baseou nos estudos dos filósofos franceses Zygmund Bauman e Gilles Deleuze para chegar às suas conclusões.

PROFESSORES TAMBÉM SOFREM

A pesquisa desenvolvida por Rennó evidenciou que essas práticas também afetam a sociedade escolar e não somente os estudantes. "Depois do aluno, o professor é quem mais sofre esta intervenção. Tal aspecto se evidencia nas falas dos professores, cujos argumentos mostram um certo desconforto ao se sentirem pressionados e intimidados pela vigilância das câmeras e que, de certa forma, esse controle também se manifesta pelas atuações dos bedéis, cuja função se entende ao controle de entrada e saída de professores das salas de aula. Pode não ficar evidente, mas o foco é mais forte no professor, apesar de não ser este o intento do controle e disciplinamento."

Rennó diz que no que toca às novas tecnologias, quase onipresença traz inovações relações de poder. "Por serem quase desprovidas de materialidade, não necessitam de construções específicas, pois a virtualidade está caracteristicamente atrelada aos novos dispositivos presentes no interior de todos os espaços já existentes. Nas situações já exemplificadas, por exemplo, as câmeras instaladas em diversos lugares - até mesmo dentro das salas de aula, e a gravação de imagens, o cartão digital, a leitura digital, dentre outros, compõem o quadro destes novos mecanismos latentes de vigilância, o que pode ser denominado tecnologias de submissão, muitas vezes virtuais, os quais caracterizam as sociedades contemporâneas".

BURLA E QUESTIONAMENTO

"Produção de Corpos Dóceis" também mostra

que, apesar das várias formas de tentativa de sujeição dos indivíduos, a tentativa de burlar o sistema ainda existe nas escolas. E, segundo a pesquisadora, é "necessário instigar esse conflito entre disciplina/rebeldia, sujeição/transgressão, poder/resistência, que se manifesta no cotidiano escolar que, paradoxalmente, reproduz dispositivos de poder mediante o estabelecimento de normas, e o desenvolvimento de estratégias individuais ou coletivas de transgressão e resistência."

Após reproduzir o discurso de pais e diretores que defendem as práticas de disciplinamento em nome da segurança dos alunos, Rennó questiona: "qual é o perigo manifesto dentro de uma sala de aula? Qual a necessidade de se ter todo um sistema como esse em ambientes menores como a biblioteca e a sala de aula? É controle ou vigilância?" E conclui: Parece não ser uma questão de prevenção educativa, mas um recurso para prevenir no aspecto da coesão: "Olhe, sorria, cuidado, você está sendo filmado..."

Fora do trabalho científico, mas tocando nos fones de ouvido da juventude, os versos iniciais da música Estudo Errado, do músico Gabriel o Pensador, só reforçam as palavras na conclusão da pesquisadora. Numa melodia marcada pela batida forte da bateria, com um videoclipe que mostra alunos em sala de aula respondendo a chamada de uma professora de aparência rígida, Gabriel começa sua música questionando: "Eu tô aqui pra quê? Será que é pra aprender? Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?"

Texto elaborado com base na dissertação "Produção de Corpos Dóceis: uma análise das práticas de disciplinamento e vigilância na escola" do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso), elaborada sob orientação da professora doutora Vania Regina Boschetti e aprovada em 2009. Acesse a pesquisa:







A NOVA IMAGEM DO IDOSO E OS SIGNIFICADOS CONSTRUÍDOS PELA PUBLICIDADE

REPORTAGEM E FOTO: Marcel Stefano

m 1933, Vinícius de Moraes publicou o poema Velhice, em que reforça a imagem de que ser velho era um fardo. Talvez, essa fosse a imagem de um ancião para a sociedade àquela época. Foi contra significados equivocados como esse que o professor e publicitário Bruno Antonio da Silva Martins estudou a temática na dissertação "Marca e Publicidade: a Ressignificação da Velhice", no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso).

Martins afirma que a publicidade cria valores relativos à velhice e, diante disso, questiona: "em que medida, tal movimento pode contribuir para a ressignificação deste período da vida?" Essa questão-chave norteia o trabalho acadêmico que lhe rendeu o título de mestre. Martins parte do pressuposto de que os períodos da vida são socialmente construídos e isso acontece vinculado às mídias, uma vez que seus produtos fazem parte do cotidiano.

Então, ele analisa a relação entre as marcas e a periodização da vida. Martins trabalhou com peças publicitárias impressas e audiovisuais exibidas de 2011 a 2014. Encontrou análises sobre idosos em inúmeras frentes: na música, na mídia tradicional, nos livros e nas produções acadêmicas.

Ele discute relação entre marca e publicidade, bem como apresenta a noção da marca pós-moderna, e as transformações delas ao longo do tempo. Na dissertação, o leitor tem a explicação do conceito de signo que torna possíveis interpretações atreladas ao real, contribuindo para incorporar novos significados à velhice e explicações sobre as estratégias que permitem trazer à tona o potencial das peças publicitárias de engendrar valores relativos a ela.

Martins também se debruça a compreender a velhice como construção social, e é lá que ele apresenta aspectos da velhice e sua relação com o corpo. Com esse olhar multifacetado, a partir de interpretações de peças publicitárias,



Martins: publicidade associa a imagem de idosos a temas contemporâneos

apresenta possíveis valores relacionados à velhice propostos pelas marcas. Martins viu que a publicidade associa a imagem do idoso a temas contemporâneos para pautar como e quem deve ser o idoso. "Quando a gente coloca a ressignificação do idoso é basicamente como a publicidade mostra ele. E, obviamente, a publicidade, como uma instituição que quer fomentar o aspiracional, vai mostrar um idoso que entende de tecnologia, um idoso que é jovem. As campanhas não terão mais o idoso coitado".

Martins conclui, então, dizendo que "as representações do idoso, nas peças publicitárias analisadas, reafirmam o que (a professora de Antropologia Guita Grin) Debert sinalizou sobre o fato de que os idosos se apresentam como pessoas capazes e prontas para enfrentar os novos desafios que o cotidiano lhes impõem, em contraponto aos estereótipos vinculados a essa idade da vida, que são construídos em função de processos degenerativos inerentes à idade avançada."

Se Vinícius de Moraes fosse vivo e lesse a dissertação de Martins, certamente o boêmio mais ilustre desse país teria cantado a velhice mais como uma Bossa Nova do que como fardo a ser carregado no fim da vida.

Texto produzido com base na dissertação "Marca e Publicidade: a Ressignificação da Velhice", do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso). feita sob orientação da professora doutora Maria Ogécia Drigo e aprovada em 2016. Acesse a pesquisa:

